

TRABALHO: UM CONCEITO EM MUDANÇA

Norberto Back

Faculdade Cenecista de Campo Largo
norbertoback@yahoo.com.br

RESUMO

O conceito de trabalho mudou através da história. Na Grécia Antiga trabalho era tarefa de escravos, na Era Medieval pobres trabalhavam muito e os ricos trabalhavam pouco, na Era Industrial todos passam a trabalhar, pobres trabalham muito e ricos trabalham ainda mais; já na Era Pós-industrial emerge um novo paradigma: uma sociedade onde o tempo fica redistribuído em trabalho, estudo e lazer. Emergem valores novos que substituem aqueles da Era Moderna. O tempo de trabalho diminui e as pessoas, para se adequarem ao novo modelo social, devem dedicar tempo a outras atividades. Contudo nosso modelo vigente teima em não se adequar ao novo modelo e por isso perde-se oportunidade de fazer uma vida melhor.

Palavras Chave: trabalho, sociedade industrial, sociedade pós-industrial, valores emergentes.

O conceito de sociedade contemporânea é difícil de ser definido. As pessoas, os organismos e as instituições são cada vez mais heterogêneos. Uma das características que pode ser observada é o fenômeno da mudança. Tudo muda, e com uma velocidade cada vez maior. O trabalho é um destes conceitos que mudou no decorrer dos tempos.

O homem se diferencia dos outros animais pelo trabalho. Pela prática do trabalho o homem age sobre a natureza. Enquanto os outros animais se adaptam à natureza, o homem adapta a natureza às suas necessidades. Enquanto os animais trabalham por instinto, o homem trabalha com consciência e intenção. A diferença do homem para os outros animais é que no trabalho humano há liberdade (pode parar de fazer o que está fazendo, tem capacidade de fazer de maneiras diferentes). Quando o homem trabalha, ele primeiro se propõe um projeto e depois realiza a atividade com a finalidade de buscar este objetivo. Marx (1985, p. 149) afirma que

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a construção das colméias pelas abelhas atinge tal perfeição que envergonha muitos arquitetos. Mas o que distingue o pior dos arquitetos da melhor das abelhas é que ele projeta mentalmente a construção antes de realizá-la. No final do processo de trabalho obtém-se um resultado que, desde o início, já existia na mente do trabalhador.

A ideia de trabalho já teve, ao longo da história, diversos conceitos diferentes. Na Antiguidade o trabalho manual era considerado uma atividade menos digna que a intelectual. Para os gregos o trabalho manual era considerado atividade degradante e deveria ser desempenhada apenas pelos escravos. Os cidadãos deveriam ter tempo livre para se dedicar ao exercício da reflexão, da filosofia, da política e das artes. Aristóteles (2006, p. 23) descreve a sociedade grega dividida entre cidadãos e escravos da seguinte maneira:

Todos aqueles que nada têm de melhor para nos oferecer que o uso do seu corpo e dos seus membros são condenados pela natureza à escravidão. É melhor para eles servir que serem abandonados a si próprios. Numa palavra, é naturalmente escravo quem tem tão pouca alma e tão poucos meios que deve resolver-se a depender de outrem ... O uso dos escravos e dos animais é aproximadamente o mesmo.

Na Idade Média esta concepção praticamente não se alterou. Para o cristianismo medieval o trabalho é considerado um sofrimento necessário para se alcançar o reino dos céus. Esta concepção insiste na passagem bíblica do Gênesis (Cap 3, vers. 17) “Conseguirás o pão com o suor de teu rosto”. O trabalho é encarado como um castigo de Deus, consequência da desobediência do homem. O conceito bíblico é de castigo e fadiga; a recompensa somente vem depois de todo o trabalho realizado; tal qual descreve o autor bíblico que Deus, em seu trabalho de criação deste mundo, somente descansa no sétimo dia.

Tomás de Aquino afirma que o trabalho é um bem árduo que torna o indivíduo melhor. Porém, o trabalho mais valorizado é o de tipo intelectual.

Tudo muda na época moderna com a Revolução Industrial. O trabalho ganha uma conotação de hiper importante. Se antes trabalho estava associado a castigo e coisa ruim, nunca como fator de enriquecimento; agora, na ética capitalista, é considerado a tábua de salvação. Então, todos passam a trabalhar muito; a ociosidade era condenada, mesmo para a classe mais abastada. O rico trabalha mais horas e com mais afinco que o pobre. A sociedade capitalista considera o trabalho como um valor prioritário. Adam Smith (1979, p. 28) define da seguinte forma: “Cada homem vive do seu trabalho, e o salário que recebe

deve pelo menos ser suficiente para mantê-lo.” O trabalho passa a ser encarado como a origem e fonte principal de progresso humano. O autor afirma que não basta sobreviver, é necessário abundância. O Objetivo do ser humano é viver em abundância, viver na opulência. Essa abundância pode ser obtida através da organização científica do trabalho e da parcialização das tarefas.

A Filosofia liberal moderna enaltece o trabalho material. Bacon (1988, p. 34) afirma que “Tudo o que havia para se desenvolver no progresso do espírito já havia sido descoberto. Dedicamo-nos de agora em diante a melhoria da vida material do homem e ao progresso diário.”

Thomas Hobbes afirma que para enriquecer é necessário se comportar como lobos. Naquela que ficou a mais conhecida de suas frases, *Homo homini lupus* (o homem é lobo do homem) o filósofo define a concorrência do mercado. Os seres humanos não serão amigos, mas concorrentes, isto é, comportam-se como lobos. Segundo o autor esta é a gênese do Capitalismo, a concorrência. Assim teremos desenvolvimento econômico, social e científico, ou seja, o desenvolvimento das Nações como afirma Adam Smith.

Também Karl Marx afirma que o único fator de valorização de um produto é de acordo com a quantidade de trabalho. Na mesma perspectiva Weber que percebe no labor dos protestantes uma produtividade maior que nos católicos. Afirma, inclusive, que nos países protestantes o desenvolvimento é maior, consequência da ética protestante que valoriza o trabalho.¹

A sociedade moderna industrial se constrói sob o paradigma de que a relação entre os indivíduos acontece no trabalho regido por um contrato salarial. Atualmente, como veremos adiante, estamos evoluindo para uma nova concepção de trabalho. A sociedade pós-industrial está baseada numa forma diferente de organização. Não mais o trabalho do operário regido por um contrato, mas é um trabalho que nos remete ao artístico, ao criativo², ao imediato, ao particular.

¹ Cfr. MARX, Karl. **O Capital** e WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**.

² O sociólogo italiano Domenico De Masi defende a teoria de que estamos na sociedade pós-moderna onde predomina o ócio Criativo. Ver MASI, Domenico de. **O Futuro do Trabalho: Fadiga e Ócio na Sociedade Pós-Industrial e A Emoção e A Regra**.

A ideia da sociedade industrial capitalista é a seguinte: o trabalhador é livre e a máquina irá libertar o homem do esforço físico. Na Inglaterra chega-se a afirmar que com a invenção da máquina a vapor um único operário faria o trabalho de 15 homens. Porém, não foi isso que aconteceu. Justamente o contrário, as máquinas fizeram aumentar a produtividade e, principalmente, impuseram disciplina ao trabalhador e controlaram-no, ou seja, o trabalhador ficou submisso. A revolução tecnológica dos séculos XVIII e XIX foi progresso de um lado e, de outro, controle social da classe burguesa sobre a operária. O ápice do controle da máquina sobre o ser humano verificou-se no modelo *Fordista*. A máquina ditava o quanto e com qual velocidade o empregado deveria trabalhar.

Para aumentar a produção e garantir a lucratividade ao dono da indústria, o Taylorismo, depois aplicado por Ford, propôs a organização de trabalho em que se separa pensamento e ação. O que pensa tem como função eliminar qualquer autonomia do trabalhador braçal. O outro somente deve agir sem pensar no que está fazendo. O seu trabalho é composto de tarefas repetitivas que não exigissem criatividade e iniciativa. O importante é que sua produtividade se eleve ao máximo. O trabalhador braçal fica totalmente submisso e comandado pela máquina.

O empregado, em seu trabalho na fábrica, fica subjugado a períodos prolongados de atividades repetitivas, preso a horários, em salas fechadas e submetido à índices de produtividade. A indústria submete o ser humano a um mero cumpridor de tarefas rotineiras. Segundo Karl Marx o trabalho torna-se uma atividade alienante. Nada que garanta liberdade e alegria de viver, mas escravos que esperam o soar da sirene para dar fim ao turno de trabalho. O autor escreve assim:

Primeiramente, o trabalho alienado se apresenta como algo externo ao trabalhador, algo que não faz parte de sua personalidade. Assim, o trabalhador não se realiza em seu trabalho, mas nega-se a si mesmo. ... Nessa situação, o trabalhador só se sente feliz em seus dias de folga enquanto no trabalho permanece aborrecido. (MARX, 1989, p. 28)

Um exemplo deste tipo é o que se ouviu de um trabalhador manual da seguinte forma: “... o momento mais triste da semana é a hora em que começa a tocar a musiquinha do Fantástico”.³ É o momento de começar a preparar-se para a jornada semanal de trabalho;

³ Referia-se à vinheta que dava início ao programa da Rede Globo de Televisão no horário de 20:00 horas de domingo.

marca o término do descanso de final de semana.

A realização da vocação humana não é, de forma alguma, o trabalho manual. Muito mais verdadeira é a afirmação de Octavio Paz: “À medida que a esfera do trabalho se alarga, a do riso diminui”.⁴ Aquela máxima de que o trabalho dignifica o ser humano nos foi incutida pela ideologia burguesa que tira seu lucro da classe trabalhadora. Porém, ninguém, em sã consciência, alguma vez declarou dizer estar feliz em trabalhar. Alguns, por vezes, podem, enganosamente, afirmar que estão contentes por conseguir dinheiro com o trabalho, ou seja, encaram o trabalho como forma de ganhar a vida e daí ter recursos para, em momentos de ócio, poder desfrutar de momentos felizes.

O trabalho transforma-se no oposto do que poderia ser para os homens. Isto é, o trabalho que poderia ser a possibilidade de liberdade e realização, torna-se sinônimo de frustração, submissão e sofrimento. O trabalho é unicamente um meio de sobrevivência, já que quem não trabalha não come!

Teremos que voltar a uma pergunta original: O que é o trabalho? Será apenas aquilo a que nos impõe a sociedade capitalista? Será unicamente a esse sofrimento que o ser humano terá que se submeter? Não será possível alcançarmos uma forma mais livre de trabalho? Uma realização das nossas capacidades humanas? Como afirma Hobsbawm (1988, p. 85)

Os homens realizam trabalho, isto é, criam e reproduzem sua existência na prática diária, ao respirar, ao buscar alimento, abrigo, amor etc. Fazem atuando na natureza, tirando da natureza (e, às vezes, transformando-a conscientemente) com este propósito. Esta intenção entre o homem e a natureza é – e ao mesmo tempo produz – a evolução social.

No momento de desenvolvimento tecnológico em que nos encontramos pode-se perceber que a automatização da produção vem suprimindo diversas tarefas que eram anteriormente desempenhadas pela força humana. Os computadores ficam cada vez menores, o telefone está na cintura da maioria das pessoas, há projeções de que um operário fará o trabalho de 200 pessoas. A decoreba de tabuadas e fórmulas matemáticas são feitas pela calculadora, o caixa eletrônico substitui as filas de banco. Logo, já se pode antever que poderemos viver numa sociedade na qual as pessoas possam dispor de mais tempo livre.

⁴ Octavio Paz foi poeta e ensaísta, nascido em 1914 no México. Em 1990 foi Prêmio Nobel de Literatura.

O problema está no fato de que a simples automação não garante nada. Poderá surgir uma realidade ainda pior, a sociedade do desemprego. Para evitar este colapso, uma alternativa é a redução do tempo de trabalho, o que conduzirá para a construção de uma sociedade de maior tempo livre.

Essa sociedade do tempo liberado tem como base o princípio de que é necessário cada indivíduo trabalhar menos para que todos possam trabalhar. Como escreve o sociólogo

...o trabalho socialmente útil, distribuído entre todos os que desejam trabalhar, deixa de ser a ocupação exclusiva ou principal de cada um: a ocupação principal pode ser uma atividade ou conjunto de atividades autodeterminadas levada a efeito não por dinheiro, mas em razão do interesse, do prazer ou da vantagem que nela se possa encontrar. A maneira de se gerir a abolição do trabalho e o controle social desse processo serão questões políticas fundamentais dos próximos decênios. (GORZ, 1988, p. 31)

A questão que se põe agora é a de saber qual rumo tomar. O fundamental está em buscar reequilibrar esta problemática: trabalho e vida humana. Ali está a contradição: o trabalho que deveria produzir as condições de vida humana acaba por submeter o ser humano. Quando poderemos, finalmente, tirar férias? Em que momento as inovações da inteligência humana criarão bem estar e vida melhor?

Na medida em que as mudanças acontecem em diferentes espaços sociais o trabalho vai adquirindo características diferentes. Novas formas de organização emergem. Elas substituem as relações empregatícias da Era Industrial. O trabalho industrial dá lugar aos serviços do setor terciário. O trabalho físico cede espaço ao intelectual. Se o primeiro exigia local e horário pré-determinados e definidos, no segundo o indivíduo adquire maior liberdade e flexibilidade, tanto de tempo como de espaço físico, para que tenha condições de criar.

O relógio ponto, símbolo máximo de controle dos operários na Era Industrial, é um instrumento que, gradativamente, perde sua importância. Isto não significa que o patrão perderá controle de seus funcionários. Ao contrário, os patrões utilizar-se-ão de técnicas para medir a produtividade ao invés da presença física do empregado.⁵

Na sociedade industrial o lugar de trabalho era totalmente separado do lugar de onde

⁵ Vale a pena lembrar o exemplo de Ricardo Semler, empresário brasileiro que escandalizou muitos administradores de visão retrógrada, ao afirmar que sua empresa não tinha lugar fixo e seus operários não precisariam cumprir horários.

se morava. Para o operário da periferia trabalhar na indústria significava enfrentar longas jornadas (levantar cedo e deitar tarde, gastava horas todos os dias para ir da casa ao trabalho e depois fazer o mesmo caminho de volta) em veículos de transporte coletivo que causavam esgotamento físico. Sobrava pouco tempo para o convívio familiar. Havia uma separação nítida entre lugar de trabalho e lugar de vida. Estavam distantes um do outro. O trabalhador era alguém estranho, seja no bairro em que trabalhava como naquele em que residia.

A cidade era composta de duas partes distintas: uma parte permanecia vazia de dia e outra ficava vazia de noite, nos feriados e fins de semana. A primeira se constituía de bairros dormitórios e a segunda de indústrias. A casa não tinha mais aquele significado da sociedade rural, onde as atividades domésticas estavam misturadas ao trabalho. Tudo era praticado no ambiente familiar. Já na sociedade industrial os filhos ficavam em atividades totalmente alheias as de seus pais. Como afirma Albornoz (2002, p. 31)

Enquanto o artesão fazia o seu sapato, a sua cerâmica, no mesmo recinto em que convivia com a família, o operário dos grandes centros pode precisar de algumas horas de locomoção para perfazer a distância entre o seu bairro operário da periferia urbana e a fábrica confinada no circuito industrial.

As fábricas ficarão gradativamente mais vazias. Espaço e tempo são paradigmas da Era Industrial que, gradativamente, serão implodidos por outras formas de organização. As longas horas que o trabalhador gasta em ônibus e trens que o levam de casa para o trabalho e de volta para casa serão aplicadas em atividades diferentes e mais prazerosas que a melancolia dos aglomerados em ônibus ou o *stress* dirigindo automóveis num trânsito congestionado pelo exagero de automóveis.

Cada vez mais veremos os profissionais desenvolvendo tarefas em sua própria residência, no aconchego do lar, na hora em que melhor lhes aprouver. Os indivíduos poderão determinar seu próprio tempo de trabalho. Estarão conectados ao mundo através de redes de comunicação através das quais receberão tarefas e as desenvolverão em tempo real. Economizarão tempo e energia, e evitarão *stress*. Poderão determinar seu próprio tempo de trabalho, uma vez que a informatização lhes possibilitará produzir em casa e, ao mesmo tempo, estar conectado com o mundo através de uma rede de comunicação. Os aglomerados urbanos tenderão a se diluir e a vida ficará diferente.

Temos informações suficientes indicando que a situação do trabalho como está não pode continuar. Chegamos ao tempo em que a vida não tem no trabalho seu principal objetivo. Valores de outrora cederão espaço a novos valores emergentes. Trata-se de uma realidade trazida pela aceleração das inovações tecnológicas e pelo desaparecimento das distâncias.

E quais são estes novos valores?

Um novo valor está sendo imposto pelos avanços tecnológicos: o de que os benefícios dessas novas conquistas precisam chegar a toda a humanidade e não ficar em poder de alguns poucos. Se esta estrutura social não permite acesso de todos, então cabe buscar outro jeito de organizar a vida.

Alguns captam estas mudanças em tempo real e, por isso, logo se adaptam e acabam colhendo os primeiros frutos desta nova safra. A maioria, no entanto, tem dificuldade de se adaptar ao novo. O velho que se desmorona é lembrado com saudosismo, enquanto o progresso, que é o novo, traz insegurança e crise.

O velho e o novo conviverão ainda por muito tempo. Por dois motivos: primeiro porque em certos setores da economia e em certas regiões, o velho continuará tendo sucesso; segundo porque mesmo que o novo tenha sido construído, ainda continuará sendo administrado com ferramentas velhas por algum tempo.

A transição para este novo modelo de sociedade, baseado no princípio do desenvolvimento sem trabalho, aparenta certa ideia de crise. De maneira geral as pessoas associam trabalho com salário. Não conseguem imaginar um separado do outro. O salário é sempre visto como uma consequência natural de algum trabalho. A questão não é manter o trabalho, mas o que está em joga é a manutenção do salário.

Há nisto um equívoco. O trabalho e a produtividade não serão mais os valores preponderantes de nossa sociedade, como o foram nos quatro últimos séculos. Na passagem da sociedade agrícola para a industrial houve a separação entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores. O trabalho industrial, no modo de produção capitalista, é a alienação do ser humano. Para Marx o valor da mercadoria tinha origem na quantidade de trabalho que nela estava embutida. O trabalho era, para o autor, atividade vital, isto é,

essência do homem; vendendo-o, transformando-o em mercadoria o trabalhador vende, comercializa, aliena a si mesmo.⁶

A tese que o valor das coisas brota da quantidade de trabalho colocada no objeto era já, antes de Marx, a ideia de Davi Ricardo. Esta tese agora está superada. Na sociedade da informática pouco trabalho necessita ser feito pelo braço humano. Logo, o valor das coisas deve brotar de outra lógica.

Outro equívoco é a relação que se faz com o desemprego. Como o desemprego é cada vez maior, as pessoas não conseguem vislumbrar um futuro diferente, mais aperfeiçoado que nossa realidade sofrida de submissão do ser humano à indústria. A economia precisa ser reorganizada para que seja capaz de absorver as novas gerações com ocupações suficientes para lhes garantir as condições mínimas de sobrevivência. O último relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) mostrou que temos 191,8 milhões de desempregados no mundo. Em 2005 houve um crescimento na economia na ordem de 3%, o que não foi suficiente para reduzir o desemprego. Ou pior, a taxa de desemprego aumentou ainda mais. A expansão econômica, por si só, não resolverá a questão social do desemprego. Do jeito como as economias estão organizadas o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) não gera empregos e aumentos salariais.

Também claudica o princípio do Capitalismo em que a sociedade está organizada a partir do valor de troca. Isto é, produz-se de acordo com aquilo que alguém compra. Inclusive, caso a demanda seja baixa, cria-se uma necessidade nas pessoas. Não se tem a preocupação de cuidar do que se tem e preservá-lo, ou ainda, se o que se está produzindo tem, objetivamente, necessidade de ser feito para o bem estar da sociedade.

O problema atual é estrutural⁷. Isto é, o jeito como a sociedade está organizada não permite que todos tenham acesso a algum emprego. Estamos no momento, como afirma

⁶ Vale a pena lembrar a análise que Marx fez da sociedade capitalista onde afirma que as duas classes sociais vivem em constante conflito e que a relação é de exploração do capital sobre o trabalho. Ver MARX, Karl e sua teoria sobre a Luta de Classes.

⁷ É preciso fazer a diferença dos fatores conjunturais e dos fatores estruturais. Conjuntural é algo periférico, não está na essência, portanto, passageiro. Quando, por exemplo, acontece uma intempérie a colheita agrícola é baixa. Consequentemente a economia fica afetada. As compras diminuem. Não acontecem vendas, portanto, os postos de trabalho diminuem e, consequentemente, aumenta a taxa de desemprego. Isto é consequência de fator conjuntural.

Arendt (1995, p.56), em que falta trabalho na sociedade do trabalho. As causas principais do desemprego estrutural são: crescimento da população mundial; êxodo rural com a mecanização do campo; participação da mulher no mercado de trabalho; inclusão dos deficientes que, com ajuda de próteses e proteção legal, participam do trabalho remunerado; aumento da média de vida faz com que as pessoas trabalhem por um período mais prolongado; e, principalmente, porque as novas tecnologias dispensam cada vez mais o trabalho humano, ou seja, maior produção com menos horas de trabalho. Uma alternativa que parece óbvia é a redução da jornada de trabalho.

A grande crise da sociedade contemporânea é a convivência com o desemprego estrutural. Enquanto o ser humano avança para uma situação de melhoria de sua condição de fadiga e submissão ao trabalho, também vive a contradição do desemprego que traz novos desequilíbrios. A grande contradição da sociedade da informação é ter capacidade de aumentar infinitamente a produção de riquezas e não saber distribuir estas riquezas a todos.

As informações disponíveis sugerem que o velho ditado de que o trabalho enobrece o homem não se sustenta mais. Era o Paradigma dos tempos da Era Industrial. O verso do sambista, Barbosa (2002) “o progresso vem do trabalho então quando amanhecer a gente vai trabalhar” não é mais verdadeiro.

Numa sociedade feliz⁸ o objetivo supremo não será mais o rendimento, o desempenho. Mas a base estará na criação.

O trabalho não será mais uma carga que o homem suporta apesar dele mesmo porque sem ele não sabe do que viveria. A vida de todos os membros da sociedade será assegurada independentemente de seus desempenhos e façanhas. De modo que o trabalho poderá tornar-se, enfim, uma atividade com sentido. Revestir aos olhos dos homens aquele sentido que já tem para o sábio e o artista. O ideal de uma sociedade progressista não deve ser aquele da luta, da concorrência, da inveja e da agressividade. Só pode ser o do processo criativo que vemos na atividade do pesquisador, do sábio ou do artista. Um pesquisador não dirige... O escritor não escreve... O pintor não faz seus quadros... (ALBORNOZ, 2002, p. 98)

Talvez não exista nada mais animador do que a ideia de imaginar o mundo onde não seja mais necessário trabalhar. Com a automação cada vez mais presente nas atividades, antes exercidas pela força e ocupação humanas, esta possibilidade é algo cada vez mais

⁸ Vale lembrar a tese de Ricardo Antunes, Professor da UNICAMP, que propõe uma sociedade baseada não no princípio do valor de troca, mas no valor de uso. VER **Adeus ao Trabalho?**

real: a humanidade está se libertando do fardo do trabalho.

Na verdade o trabalho nunca foi o objetivo principal da vida. Se assim fosse então as pessoas iriam gostar do trabalho. Porém, não é o que se consta. Ao contrário, as pessoas trabalham esperando o momento seguinte ao tempo de trabalho para se deleitar com algo mais prazeroso que lhes baste.

A ociosidade, que em outras épocas soava como um privilégio de poucos, poderá estender-se à grande maioria das pessoas. Estamos mais próximos de um tempo em que ao invés de dedicar a maior parte da vida ao trabalho devemos reservar o tempo mais precioso ao lazer e ao não fazer nada.

Esta possibilidade impõe mudanças. A glorificação do trabalho cede lugar à preguiça e ao ócio. Isto traz uma nova concepção de organização de vida. O homem moderno, tão adestrado ao trabalho, encontra dificuldade em se adaptar a esta forma diferente de organizar a vida. Ou seja, a possibilidade de se ter uma sociedade sem trabalho não parece algo animador e não soa como uma libertação, mas, na maioria das vezes, se apresenta como uma ameaça de perda da única atividade que ainda lhe resta.

Na afirmação de Russell (2002, p. 27)

O lazer é essencial à civilização e, em épocas passadas, o lazer de uns poucos só era possível devido ao trabalho da maioria. Este trabalho era valioso. E, com a técnica moderna, seria possível a justa distribuição do lazer sem nenhum prejuízo para a civilização.

Talvez o nosso país de futebol, carnaval, samba, sol e praia, rede, pescaria, chimarrão... possa, finalmente, dar lições de como viver bem. Enquanto o mundo desenvolvido produz esta nova maneira de organizar a sociedade, mas a ela não consegue se adaptar sem uma boa dose de traumas, nós seremos a vanguarda na prática e nos adaptaremos a este novo jeito de levar a vida.

A fábrica era o lugar de esforço físico, que levava prematuramente ao cansaço. Agora o trabalho mais valorizado é do tipo intelectual. A ordem racionalista de outrora cede lugar as relações profissionais que envolvem sentimentos e emoções. O setor de serviços requer relacionamentos diferentes daqueles estritamente pensados e calculados na obtenção de algum lucro imediato.

No modelo em que predomina o trabalho industrial as pessoas, geralmente, só

escolhiam o lazer passivo. Qual é a explicação para isto? Ora, elas estavam sem energia e cansadas do trabalho. O lazer ativo requer capacidade e vigor físico. Naquele modelo social o lazer era sinônimo de descanso.

Trabalho e prazer estavam separados e não tinham relação alguma. Isto desenvolveu um tipo de lazer passivo, do tipo de telespectador que assistia, mas não analisava, não criticava, não discutia sobre nada. Desta forma, mesmo que aumentasse o tempo livre, ainda assim não aumentaria a participação em tomadas de decisões.

O tempo de ócio das pessoas que se habituaram a correr a semana em busca do trabalho é muito passivo: o seu tempo de lazer é gasto em ver televisão, assistir vídeos, ir ao estádio assistir futebol, etc. Agora é diferente: de passivo se torna ativo e participativo. Por exemplo, ao invés de somente assistir, também jogar; ao invés de ver teatro também fazer teatro; não só ver espetáculos de dança, mas também participar da dança.

Outro aspecto que emerge como valor é o aspecto lúdico. No modelo artesanal se o artesão trabalha de modo autônomo, pode interromper sua aplicação ao ofício no momento em que sente carência de descanso. Terá algum prazer em fazer com arte um trabalho que domina em todo o processo e que sabe fazer bem. Fará alguns minutos de lazer para uma caminhada até o fundo do quintal ou para uma conversa com o vizinho por cima do muro, sempre que o corpo ou a mente o exigirem. No trabalho em equipe, na fábrica como na burocracia, mas principalmente na linha de montagem, que não pode parar,... Não há condições para introduzir algum prazer no tempo de trabalho.

O trabalho de nossos pais no campo, ainda que demasiado duro e longo, estava integrado a seu dia-a-dia, funcionava como principal fator de socialização. No mundo industrial faltava o vínculo entre o trabalho e o resto da vida. Para agir livremente deixava-se o tempo que sobrava do trabalho. Trabalho e lazer, trabalho e prazer, trabalho e cultura estavam totalmente separados. O trabalho estava em primeiro lugar e os outros eram valores menores que deveriam ser buscados no tempo que sobrava.

A construção deste novo modelo social deverá perseguir e levar em conta a seguinte questão: qual é o sentido da existência humana? O ser humano foi feito somente para trabalhar?

A busca de uma resposta satisfatória aponta para a construção de novos valores em uma sociedade que persiga a construção de outras máximas como a justiça e a ética que, aliás, tinham sido relegadas ao esquecimento em toda a época industrial.

Isto exige uma nova tomada de consciência sobre como conviver socialmente e com o meio ambiente, construindo um novo modelo de solidariedade planetária. Isto pressupõe novas posturas, principalmente, a construção de uma nova subjetividade integrada com o cosmo. Poderíamos mesmo dizer que um novo paradigma se impõe a esta nova forma de organização da vida grupal. O avanço tecnológico facilita a vida das pessoas e indica para um novo modelo social em que toda a humanidade deverá ter benefícios com as novas conquistas.

A primeira mudança é a de que estamos produzindo cada vez mais com menos trabalho. Ora, na lógica capitalista, o que é produzido só tem razão de ser se for consumido por alguém. Para ser consumido, precisa haver capacidade de consumo. Do contrário, a lógica da economia de mercado se romperia. Logo, se a quantidade de trabalho é menor, é preciso que se redistribua o tempo de trabalho em partes iguais, menos trabalho para cada um, para que todos possam continuar sendo trabalhadores e assim participar do grupo de consumidores. A economia, da forma como está organizada, precisa admitir mudanças por condição de não se autodestruir.

Algumas alternativas para diminuir o mal do desemprego podem ser observadas: aumento do tempo de escolaridade; os empregos exigirão maior e melhor preparo profissional, isto retardará cada vez mais o ingresso ao mercado de trabalho; redução da jornada de trabalho; governos apoiarem com concessões de incentivos fiscais a geração de novos postos de trabalho.

Isto, porém, é bom que se diga, são alternativas que apenas retardam os efeitos nocivos; são curativos que não sanarão a ferida; logo depois a ferida aumentará. O problema não está na conjuntura. É preciso replanejar o sistema produtivo e agir na estrutura. Não será mais possível imaginar a modernidade que se construiu a partir do modelo industrial capitalista, onde a única fonte de renda e de poder aquisitivo tem origem no trabalho. Chegamos ao momento em que não há mais necessidade de tantas horas de

trabalho para produzir o conforto suficiente.

A célebre fábula, A Cigarra e a Formiga, deve ser reinterpretada. O modelo social da Era Industrial, organizado pelo critério da economia de mercado, levou-nos a pensar que o trabalho é essencial à vida. Qual é a base desta filosofia? É que o progresso do ser humano deve passar, necessariamente, pela fadiga do trabalho. Este era o paradigma industrial que mostra sinais cada vez mais evidentes de estar superado.

Já Monteiro Lobato (1966, p. 24) escreve outra versão para a fábula. A formiga diz o seguinte:

- E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?
- A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:
- Eu cantava, bem sabe...
- Ah!.. - exclamou a formiga recordando-se - era você que cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?
- Isso mesmo, era eu...
- Pois entre, amiguinha! Não poderíamos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: - que felicidade ter como vizinha tão cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o inverno.

Qual é a conclusão? Que a fábula da cigarra e da formiga, tal como crescemos acostumados a ouvir é a interpretação de Esopo. Qual é a moral da história? Justificar o valor do trabalho. É o protótipo de literatura da Era Industrial. Já Monteiro Lobato amplia a interpretação: trabalhar é importante, mas a arte, cantar, também é importante. É bom que aconteçam as duas coisas e que o trabalho não é mais importante do que as outras atividades humanas.

Esta fábula foi ainda reinterpretada da seguinte maneira:

- Era uma vez uma formiguinha e uma cigarra que eram muito amigas. Durante todo o outono, a formiguinha trabalhou sem parar a fim de armazenar comida para o período de inverno. Não aproveitou nada do sol, da brisa suave e fim de tarde, dos lindos pôr-do-sol do outono e da conversa com as amigas. Só vivia para o trabalho! Enquanto isso a cigarra não desperdiçou um minuto: cantou durante todo o outono, dançou, aproveitou os tempos livres, sem se preocupar muito com o inverno que estava a chegar. Então, passados alguns dias, começou a arrefecer. Era o inverno que estava a bater à porta. A formiguinha, exausta, entrou na sua singela e aconchegante toca, repleta de comida. Entretanto, alguém chamava pelo seu nome do lado de fora da toca e, quando abriu a porta, ficou surpresa; era a sua amiga cigarra, que estava vestida com um maravilhoso casaco de lã e com mala e guitarra nas mãos.
- Olá, amiga! - cumprimentou a cigarra. - Vou passar o inverno em Paris. Será que você poderia cuidar da minha toca?
 - Claro! Mas o que aconteceu para você ir para Paris?

A cigarra respondeu-lhe: - Imagine você que eu, na semana passada, estava a cantar num restaurante e um produtor gostou tanto da minha voz que fechei um contrato de seis meses para fazer espetáculos em Paris.⁹

Moral da história: Se o negócio é ganhar dinheiro, então neste novo modelo de sociedade, o jeito de ganhar dinheiro mudou. Não é mais o esforço do trabalho que vai gerar dinheiro. Ademais, esta tarefa de esforço está sendo repassada para as máquinas, que realizam a tarefa com mais precisão, perfeição e maior velocidade que o braço humano.

Se a cigarra tem o dom de cantar, por que deve então ser punida e levar a vida trabalhando? Trabalhar é o dom da formiga. Cada um deve ter espaço e ser reconhecido com aquilo que sabe fazer.

Aqui entra o papel do administrador: administrar com coerência estas ideias poderia melhorar muito o equilíbrio social, principalmente, diminuir as tensões sociais que não produzem nada de positivo. Isto não foge muito daquilo que as religiões já colocavam em outros tempos quando afirmavam que cada um deve seguir sua vocação; o administrador traduzirá para cada um de acordo com suas aptidões; e, agora a Teoria das Inteligências Múltiplas, afirma que as capacidades são diferentes e individuais; cabe cada um desenvolver e aplicar na vida prática as suas.¹⁰

Característica relevante do novo modelo é o surgimento de uma força de trabalho baseada no conhecimento. Que tipo de trabalhadores são estes? O que muda com tudo isso? Os meios de produção passam a ser propriedade dos trabalhadores do conhecimento. O meio de produção é o próprio conhecimento. O valor agora está no conhecimento em contraponto ao valor trabalho da simples execução de tarefas.

Como afirma Bell (1976, p. 87), a nova sociedade tem como característica principal o predomínio numérico dos trabalhadores dedicados ao setor terciário. Quatro princípios norteiam este novo modelo de sociedade: - predominância de técnicos e profissionais liberais; - centralização do saber teórico, gerador da inovação e das ideias diretrizes em que se inspira a coletividade; - gestão do desenvolvimento técnico e o controle normativo da tecnologia; - criação de uma nova tecnologia intelectual.

⁹ Esta versão da fábula foi retirada do Google, não teve como identificar o autor. Ademais fábula tem origem da palavra latina *fabulare* = contar; ou seja, são histórias levadas adiante pela oralidade e alguém as registra.

¹⁰ O verbo desenvolver é tarefa da Educação e o aplicar da Administração. Na construção deste novo modelo social estas ciências têm muito a contribuir.

O desenvolvimento do conhecimento passa a ser o ponto central de transformação. Melhora a condição de vida, liberta a pessoa do excesso de trabalho e esforço físico para garantir sua sobrevivência e permite que as pessoas desenvolvam seu potencial humano de maneira plena.

No caso do Brasil há ainda uma lacuna muito grande no ensino superior. Comparando com outros países os índices de população que cursa o nível superior do Brasil está muito baixo. Mesmo que comparado a outros países emergentes, a população brasileira tem menos gente cursando faculdades. Os dados concretos são os seguintes: o Brasil tem cerca de 3,5 milhões de pessoas matriculadas em cursos superiores. Isso equivale a 1,9% da população. Na Argentina esse número é de 4,6%, no Chile de 4,3% e na Coréia do Sul de 7,4%.¹¹

Cabe lembrar que, além do baixo nível educacional pesa ainda a preocupação com a formação deste novo modelo de trabalhador. O trabalho mudou, não só por conta da tecnologia, mas também porque mudaram as relações de trabalho. Não iremos nos estender muito neste tema, daremos apenas alguns exemplos para ilustrar.¹² Um brasileiro trabalha num escritório no Brasil que, por sua vez, presta serviços para uma empresa francesa que não possui sede no Brasil. Trata-se de serviço de atendimento a clientes. Outro exemplo que presenciemos recentemente: André é Engenheiro Civil e Rodrigo vendedor. Estes dois cidadãos curitibanos estão na Angola prestando trabalho em empresa israelense de Construção Civil.¹³

Cada nova crise faz brotar, cria, necessariamente, um novo paradigma, isto é, uma nova visão de mundo. A quem cabe decifrar o novo paradigma? Talvez seja este o tema que deva perpassar todo o conteúdo programático do ensino superior.

Temos aí uma resposta de tanta gente buscar um curso superior. É a pergunta que, provavelmente, estará na mente de muitos universitários: Por que tenho que fazer curso superior? Se antes apenas pequena parcela da população ascendia ao curso superior, por que agora tanta gente?

¹¹ Dados publicados na Revista **Veja** de 26 de janeiro de 2005, p. 52.

¹² Cabe lembrar as transformações que o modelo de economia globalizada trouxe para os novos tempos.

¹³ Rodrigo da Silva tem residência na Rua Américo Vespúcio, nº 796 e André Schwan na Rua Pará, nº 68.

Antes, na sociedade da indústria, a relação era de um administrador para 25 trabalhadores que apenas cumpriam seus comandos. Logo, o sistema de ensino tinha que responder àquele momento: formar operários que fizessem tudo com perfeição e usassem para isto o mínimo de tempo.

Agora a relação é de um para um. O trabalho nas indústrias é realizado pelas máquinas. O trabalho que exige somente operações repetitivas são automatizadas e não necessitam da força humana para ser executadas. Logo, a grande maioria dos postos de trabalho vai estar nos serviços e, para os quais, se exigirá um preparo profissional mais apurado. Mesmo as indústrias não trabalham mais de forma padronizada, e sim atendendo aos variados gostos do consumidor. Não se trabalha mais com grandes estoques, mas com o *just-in-time*, ou seja, produzir somente aquilo que já está vendido ou encomendado. Ora, isto exige grande flexibilidade da organização e das pessoas envolvidas no processo de produção que requer maior integração entre os funcionários, que devem ter maior escolaridade.

Não faz muito tempo aconteceu o seguinte episódio: Uma aluna caloura da UFPR ligou para a secretaria da universidade a fim de saber sobre um documento que deveria apresentar no ato da matrícula. A telefonista lhe explicou detalhadamente como deveria ser o tal documento. Porém, no dia da matrícula, o documento estava errado. A pessoa que estava no balcão de matrículas disse o seguinte:

- O documento não está correto. Assim não poderemos efetuar sua matrícula.
- Mas eu liguei aqui para pedir informações e a pessoa me descreveu exatamente assim.
- Leia o regulamento que está disponível no *site* da UFPR... Venha o próximo aluno.¹⁴

O que se pode concluir a partir do episódio?

Primeiro: Que a secretária que passou a informação por telefone está pouco adaptada aos novos tempos. Não deveria ter dado a resposta completa, mesmo porque não sabia. Deveria ter indicado onde a aluna deveria buscar a informação.

Segundo: Que a caloura também não está com visão adaptada aos novos tempos. Não soube fazer a pergunta corretamente. A resposta já estava no *site*.

¹⁴ Fato acontecido em janeiro de 2008 com a caloura do curso de Letras da UFPR, Adriane Alves da Silva.

Cada vez mais percebe-se instituições de Ensino Superior que são relativamente de pequeno porte. Há, contudo, de se ter um cuidado: ser grande não é mais sinônimo de bom. Havia tempos em que grandiosidade era sinônimo de qualidade. Geralmente alunos e professores preferem contar na roda de amigos que estudam ou lecionam numa instituição de grande porte e não se sentem tão confortáveis em instituições menores. Este *status* é resquício do modelo social que já está decadente. Atualmente, ao contrário, o grande está perdendo espaço para o pequeno. O modelo padrão está sendo substituído pelo flexível. No grande a criatividade e espontaneidade ficam tolhidas pela burocracia da organização.

De onde brotam estas novas formas de ser e estas novas ideias?

A sociedade pós-moderna se caracteriza pela mudança. As coisas, as verdades, os paradigmas, as modas, tudo muda com velocidade cada vez maior. Ora, para conseguir adaptar-se a estas mudanças precisa-se de algo de flexibilidade. O pequeno tem mais capacidade de flexibilidade que o grande. O pequeno consegue dar respostas rápidas a novas circunstâncias. Enquanto a padronização era a palavra chave das grandes organizações, a flexibilidade é a força das organizações menores que conseguem repetir a façanha de Davi diante de Golias. Ou seja, no jogo de mercado, as grandes organizações estão cedendo espaço para as pequenas.

Estava em sala de aula um aluno que tinha vindo transferido de outra instituição de ensino superior e que já cursara a disciplina. Estava ali para garantir sua presença, esperando a resposta ao pedido que protocolara na secretaria da instituição. Qual é o procedimento? O aluno deve dirigir-se à secretaria para pedir dispensa de disciplina. Abre-se um processo. A resposta só vem depois de duas semanas. É tempo demasiadamente grande para se dar resposta a uma pergunta tão simples. A necessidade exige que as organizações tenham respostas imediatas.

Supondo que no dia seguinte este aluno vá até a secretaria de outra instituição que tenha o mesmo curso e consiga resposta em tempo real, qual seria sua opção? Possivelmente transferir-se-á para lá.

O que pensa o cidadão comum? Devo trabalhar muito enquanto sou jovem e tenho forças. Depois irei requerer a aposentadoria para, finalmente, gozar a vida. Por exemplo: na

cidade de Brusque, SC, havia um cidadão que trazia em sua carteira de trabalho o seguinte histórico: 35 anos de trabalho, sem nenhum dia de falta; o que ele relatava com muito orgulho. - Se tenho esta bela casa, comida na mesa, aposentadoria para me garantir para o resto de minha vida é porque tive uma educação que me ensinou que para vencer na vida é preciso trabalhar.¹⁵

O outro erro refere-se ao quando parar de trabalhar. Em muitos casos o empregado se aposenta no auge de seu desempenho profissional. O professor, por exemplo, alcança sua maturidade profissional de pesquisa, de conhecimento, de experiência docente, não muito antes dos 50 ou 60 anos. Quando está no auge de seu preparo para desempenhar esta profissão a instituição o dispensa. Deve aposentar-se, já não tem mais pique para acompanhar o ritmo da moçada.

Característica que emerge neste novo modelo social é a subjetividade. As pessoas querem ser ouvidas e atendidas em suas particularidades. As instituições, assim como as pessoas, deverão aprender a ouvir mais. Um gerente de supermercado em Florianópolis contou que sua função principal era conversar com as pessoas, os clientes que vêm ao mercado sentem necessidade de conversar. Gostam que alguém os ouça.¹⁶

Aquela ideia de que em sala de aula deve-se ter postura profissional já não é mais totalmente verdadeira. Hoje, cada vez mais, o profissional deve demonstrar certa afetividade em sua relação profissional. Alguém fez o seguinte comentário: - em meu caminho de trabalho passo por diversos postos de gasolina. Se existem diversos postos no trajeto, todos com o mesmo preço e, aparentemente, a mesma qualidade de combustível, por que passo por quatro postos com o ponteiro marcando reserva, e, instintivamente, busco o quinto posto na ordem? Possivelmente naquele posto de gasolina os frentistas prestam um atendimento personalizado. O consumidor se percebe como um sujeito e não somente um objeto que consome algum produto. O que faz a diferença é o atendimento pessoal, o subjetivo.

Fazendo a observação do mercado, principalmente, o consumo de serviços, percebe-se esta realidade. Em um panfleto de Marketing de banco (2010) estava o seguinte

¹⁵ Testemunho de Fernando Minella, Brusque, 20 de janeiro de 2010.

¹⁶ Conversa com Vilberto Giancesini, gerente de Marketing de Supermercado em Florianópolis.

fragmento:

Você merece ter um atendimento exclusivo e um lugar especial para ser atendido. Porque, além da tecnologia e do bom atendimento, queremos estar mais próximos de você. Por isso, criamos o *Personalité*: o Banco com o melhor atendimento que você pode receber. Um atendimento superpersonalizado. Um atendimento especial para clientes especiais. Clientes que querem ter acesso a produtos e serviços mais estruturados, orientação mais adequada para seus investimentos. Soluções desenvolvidas para que você tenha o que precisa, com a assessoria de gerentes especialmente treinados.

Uma ideia muito repetida por diretores e coordenadores (aparentemente verdades incontestáveis, porém, neste momento, já ultrapassadas) é a seguinte: o professor deve tratar os alunos de forma igual. Cuidado para não ter os seus peixinhos, os seus protegidos.

Observa-se frequentemente que na mesma sala de aula de ensino superior estão alunos com idade que variam dos 17 até 75 anos. Ora, não se pode ter o mesmo tratamento com um jovem de 17 anos que tenho com o outro de 70 anos ou mais. Não se deve padronizar o tratamento.

Não se quer afirmar que organização não tem importância. Organização é essencial, porém, padronização é, no mínimo, perigosa. É aqui que entra a função importante de novas lideranças. Cada pessoa e cada tarefa deverá ser tratada de acordo com sua característica específica. Deve-se ir da objetividade para a subjetividade. As instituições continuarão tendo um diretor, coordenadores, etc. É graças à preocupação pela qualidade e zelo pela boa organização que a instituição logrará de bom conceito do público. Deve-se, contudo, estar alertado para o perigo de que a padronização exagerada inibe as pequenas iniciativas de profissionais que dão aquele toque diferente e que enriquece o todo. É como se estivéssemos diante de um mosaico. O quadro se torna grande e completo porque composto de inúmeras pedrinhas, cada qual ocupa o seu espaço particular, as pedrinhas não devem ser iguais, sob pena de empobrecer a obra. Ou seja, a velha padronização cede espaço para uma nova organização.

A maneira de organizar socialmente o trabalho continua ainda com padrões que já não estão adequados aos tempos de hoje. Podemos fazer alguma relação com a origem etimológica da palavra trabalho em língua portuguesa.

A origem etimológica da palavra trabalho está no latim. No latim havia dois termos com significados diferentes: *labor, laboris* que traz a ideia de ação; e *opus, operis* cuja

ideia se aproxima de obra. As línguas latinas conservaram os dois termos. O italiano conserva os verbos *lavorare* e *operare*; o espanhol *trabajar* e *obrar*. Em algumas línguas saxônicas também possuem os dois termos: o inglês diferencia *labour* e *work*; o alemão usa *Arbeit* e *Schaffen*. Ou seja, as línguas continuam com dois termos distintos: um termo coloca ênfase no esforço e no cansaço e o outro termo mantém correspondência com o ato de criar uma obra.

Na língua portuguesa esta distinção ficou mais difícil de ser compreendida. Não há termos diferentes para distinguir os dois conceitos. A palavra trabalho significa duas coisas totalmente diferentes: a primeira que representa a realização da obra e a segunda que representa um esforço rotineiro e repetitivo, que causa angústia e aflição. Trabalho, em português, tem seu conteúdo ligado a dificuldades, preocupação e desgosto. Na linguagem cotidiana, por exemplo, dizemos: - a construção desta sala deu muito trabalho! – Quanto trabalho pra resolver os problemas da chuarada!

Acontece que, no português, a palavra trabalho se origina do latim *tripalium*, que era um instrumento feito de três paus com pontas de ferro, no qual os agricultores batiam o trigo e o milho para triturar seus grãos. Outra designação para *tripalium* era instrumento de tortura. A origem etimológica da palavra trabalho faz referência a padecer, sofrer e esforçar-se. Este sentido também evoluiu para as outras línguas latinas, como *trabajo* em espanhol, *traballo* em catalão, *travail* em francês e *travaglio* em italiano.

A partir da etimologia pode-se concluir assim: *tripallium* corresponde ao modelo da sociedade industrial, enquanto que *opus*, *operis* corresponde aos novos tempos onde emerge um novo modelo de sociedade. Os melhores frutos serão colhidos por aqueles que captarem estas oportunidades em tempo real.

A emergência de valores novos e diferentes demanda mudanças profundas na organização do trabalho, isto é, pode-se afirmar em emergência de um novo padrão cultural. Percebe-se que estas mudanças estão apenas num processo que se inicia, falta ainda muito a acontecer para que este novo modelo social se implante e adquira características de um novo paradigma. O tempo de trabalho diminui e as pessoas, para se adequarem ao novo modelo social, devem dedicar tempo a outras atividades. Como nosso

modelo vigente teima em não se adequar ao novo modelo, perde-se oportunidade de fazer uma vida melhor.

Trabalha-se demais e vive-se pouco e com pouca intensidade. A era pós-industrial chegou, mas a maioria das pessoas e instituições ainda conserva hábitos e valores de modelos sociais de tempos passados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Campinas: Cortez, 1995.
- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ARISTÓTELES. **A Política**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Tradução feita a partir da versão francesa de Marcel Prélot. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BACON, Francis. **Novum Organum**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- Banco Itaú *Personnalité*. Curitiba: **texto de Marketing** enviado, por mala direta, aos clientes no 2º semestre de 2010.
- BARBOSA, Adoniran e Oswaldo Moles / João Belamino dos Santos. **Letra da canção Conselho de Mulher**. Em Raízes do Samba. Rio de Janeiro: Seresta, 2002.
- BELL, Daniel. **O Advento da Sociedade Pós-industrial**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- DRUCKER, Peter. **Árvores não crescem até o céu**. In: Rev HSM Management, jan-fev 2006.
- GORZ, André. **Adeus ao Proletariado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HOBBSAWM, Eric. **Formações Econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- MASI, Domenico de. **O Futuro do Trabalho: Fadiga e Ócio na Sociedade Pós-Industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

_____ **A Emoção e A Regra.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política.** São Paulo: Nova Cultural. Livro I, Tomo I, 1985.

_____ **Manuscritos econômico-filosóficos.** Lisboa: Edições 70, 1989.

Revista **VEJA.** São Paulo: Abril, publicação de 26 de janeiro de 2005.

RUSSELL, Bertrand. **O Elogio do Ócio.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002. Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 1935.

SMITH, Adam. **Investigação sobre a natureza e as causas da Riqueza das Nações.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Vários. **Bíblia Sagrada.** São Paulo: Ave Maria, 1971.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1983.